



Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Jovens da região central do Rio Grande do Sul: perspectivas e políticas para permanência no meio rural

Alessandra Troian¹

Resumo

A juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de mudanças que merece ser estudada, sobretudo a juventude rural que se torna invisível mediante o processo de socialização da agricultura. O estudo objetiva caracterizar os jovens que têm permanecido no meio rural, apresentando suas percepções em relação ao que precisa mudar e melhorar para que os jovens permaneçam no campo, bem como as políticas públicas conhecidas e acessadas por eles. Para tanto, foram entrevistados 18 jovens de 11 diferentes comunidades rurais do Município de Arroio do Tigre, região central do Rio Grande do Sul. O estudo limitou-se a jovens de 14 a 25 anos que projetam suas vidas no meio rural. Verificou-se que os jovens sentem-se bem na fase da vida em que se encontram e associam a juventude a uma etapa de liberdade e responsabilidades. No que diz respeito às suas perspectivas, os entrevistados demandam investimentos, políticas específicas e apoio governamental, desejam ainda respeito e valorização à profissão e ao modo de vida do agricultor. Por fim, salienta-se que os jovens são inseridos em políticas públicas destinadas às demais faixas etárias. As políticas conhecidas e acessadas são destinadas à produção e à produtividade, havendo carência de atividades não agrícolas e relacionadas ao lazer e à educação.

Palavras-chave: *Jovens, percepções, meio rural, políticas públicas, desenvolvimento.*

Abstract

¹ Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa, *campus* Santana do Livramento. E-mail: alessandratroian@unipampa.edu.br.

The youth is a social category highlighted, a phase of changes that deserve to be studied, especially rural youth who becomes invisible by agriculture socialization process. The study aims to characterize the young people who have remained in rural areas, with their perceptions about what needs to change and improve for young people to remain in the field and the known policies and accessed by them. To this end, we interviewed 18 young people from 11 different rural communities in the municipality of Arroio do Tigre, central region of Rio Grande do Sul. The study was limited to young between 14 to 25 years designing their lives in rural areas. It was found that young people feel good at the stage of life they are in and associate youth to a freedom and responsibility step. With respect to the outlook, respondents demand investments, specific policies and government support, still wish to respect and value the profession and the way of life of the farmer. Finally, it is noted that young people are placed in public policies aimed the other age groups, the known and accessible policies are for the production and productivity, requiring actions in non agricultural activities and related to leisure and education.

Keywords: *Young, perceptions, rural, public policy, development.*

1. Introdução

Os estudos sobre juventude rural ainda são pouco expressivos. Segundo Weisheimer (2009), a juventude rural na agricultura familiar do estado do Rio Grande do Sul ainda está por ser estudada e escrita. Isso porque o processo social deixa os jovens invisíveis e acaba afastando-os dos focos e objetos de pesquisas.

A relação dos jovens com o meio rural pode ser de cunho profissional, alternativa de vida ou por falta de perspectivas em outras realidades sociais (FROSSARD, 2003). A juventude rural é uma categoria variável, socialmente construída, invisível para a maioria dos analistas das questões rurais e que lentamente tem despertado o interesse dos órgãos públicos (DURSTON, 1996). No entanto, no meio rural a discussão sobre a juventude rural expõe o papel que os jovens desempenham na continuidade da agricultura.

Para Brumer et al. (2000), as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. Dentre elas, as autoras elencam a viabilidade econômica da propriedade, a qualificação para a entrada de novos mercados, as estratégias de obtenção de rendas complementares, a relação entre pais e filhos, a questão de gênero e a escolha profissional.

A juventude não recebe a devida atenção quando se trata de políticas públicas. Os jovens são inseridos em políticas sociais destinadas às demais faixas etárias, o que, muitas vezes, acaba por resultar na saída dos mesmos do meio rural. O esvaziamento do campo constitui-se atualmente numa das maiores ameaças ao desenvolvimento rural.

Partindo-se do pressuposto de que para haver desenvolvimento rural é necessário que as pessoas, sobretudo os jovens, permaneçam nestes espaços, o presente estudo objetiva caracterizar os jovens que têm ficado no meio rural, apresentando suas percepções em relação às perspectivas da juventude (o que precisa mudar e melhorar para que os jovens permaneçam no meio rural) e as políticas públicas conhecidas e acessadas por eles.

Para tanto, foram entrevistados 18 jovens de 11 diferentes comunidades rurais de Arroio do Tigre/RS. O recorte do estudo limitou-se a entrevistar jovens na faixa etária entre 14 e 25 anos de idade que projetam suas vidas no meio rural. O estudo caracteriza-se por ser qualitativo e, metodologicamente, contou com a observação participante e com a técnica do caderno de campo. A observação ocorreu de abril de 2012 a fevereiro de 2013. Já o caderno de campo foi utilizado para o registro das informações, observações e reflexões que emergiram no decorrer da coleta de dados.

Arroio do Tigre localiza-se no Vale do Rio Pardo, estado do Rio Grande do Sul, a 248 km da capital Porto Alegre. O município caracteriza-se pela presença da agricultura familiar e tem no cultivo de tabaco sua principal atividade econômica.

2. Juventude: breves considerações

Um dos principais desafios colocados aos pesquisadores que estudam processos sociais protagonizados pelos jovens é a definição conceitual e analítica do objeto de pesquisa (WEISHEIMER, 2009). Não existe apenas um conceito sobre juventude; as diferentes maneiras de olhar a juventude correspondem a diferentes perspectivas teóricas.

Segundo Gomes (2001), múltiplas são as juventudes numa sociedade heterogênea, marcada pela discriminação, pelas desigualdades econômicas e sociais e pela existência de sistemas culturais hierárquicos e diversificados, pois a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e uma representação.

Para alguns autores, a juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição, de mudanças. A juventude é vista como um “vir a ser”, uma passagem para a vida adulta, sendo, por isso, uma fase que se relaciona com o passado – fase da infância – e ao mesmo tempo se conecta com o futuro – a vida adulta. A juventude pode ser entendida como um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de alguma maneira, ao longo da vida (DAYRELL, 2003).

Conforme Weisheimer (2005) existem cinco principais abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude, a saber: faixa etária; ciclo de vida; geração; cultura ou modo de vida e representação social.

A juventude como uma faixa etária é utilizada em algumas pesquisas que ancoram sua definição utilizando como critérios a idade dos pesquisados. Para isso, os pesquisadores geralmente apoiam-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais. De acordo com Abramovay et al. (1998), no Quênia, a partir dos 8 anos de idade já são considerados jovens; em Botswana, a idade vai de 10 a 22 anos e na Colômbia, entre 16 e 28 anos. Segundo as Nações Unidas, a juventude compreende o período entre 15 e 24 anos, embora a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) avance até 29 anos quando se trata de jovens rurais. O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos.

A abordagem como ciclo de vida define a juventude como período de transição. O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade. O estabelecimento do término da juventude varia segundo critérios e pontos de vista adotados para determinar se as pessoas são jovens.

O enfoque nas gerações emerge por meio da ideia de situação no processo social, estabelecendo um paralelo com a circunstância de classe. Corresponde à similaridade de situação num mesmo tempo histórico. Nesta perspectiva, tem-se a ideia de que os jovens são inerentemente contestadores ou de que essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude. Da mesma forma, a juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, pela sua capacidade criadora e inventiva (WEISHEIMER, 2005).

A juventude como cultura ou modo de vida é vista como uma expressão da cultura de massas. A abordagem argumenta que a

juventude se define por critérios culturais, destacando-se uma cultura jovem e a importância de espaços de sociabilidade juvenis na constituição de suas identidades.

Por fim, na perspectiva da juventude como representação social e autorrepresentação, o termo juventude designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Mais do que uma faixa etária, a perspectiva fala em condição juvenil, que aparece como uma posição hierárquica social fundada em representações sociais, ou seja, na busca de responder aos significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. As representações sociais remetem à ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência para a de independência, ou seja, da fase da infância para a fase adulta.

O termo juventude remete a uma série de conceitos e, em função disso, muitos especialistas o definem de maneira divergente. No entanto, conforme Carneiro e Castro (2007), a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, podendo ser marcada pelo fim dos estudos, pelo início da vida profissional, pela saída da casa paterna devido à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária, variando de acordo com o viés do pesquisador e/ou recorte da pesquisa.

2.1 Especificidades da juventude rural

A temática da juventude rural não é pauta na agenda de pesquisas, sendo os estudos nesta área considerados como pouco expressivos (VIEIRA, 2004). As pesquisas acerca dos jovens rurais tornam-se ainda mais reduzidas se consideramos o contexto da

agricultura familiar. Acredita-se que a invisibilidade da categoria social se dá, em nível de pesquisa, devido à falta de reconhecimento e valorização destes atores. Dessa forma, muito tem a ser explorado e investigado (WEISHEIMER, 2009).

Segundo Carneiro (1998), jovem é uma categoria que não recebe qualificação específica por parte dos classificadores, eles podem ser estudantes, filhos de agricultores, entre outros adjetivadores. O jovem no meio rural é um aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no cerne da unidade familiar.

A juventude no meio rural está presente na agricultura familiar por meio de sua inserção no trabalho no estabelecimento agrícola, uma vez que a agricultura familiar se caracteriza pela “[...] unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família” (LAMARCHE, 1993, p. 15). O trabalho dos membros da família é central na reprodução da agricultura familiar; geralmente os jovens já nascem em uma família de agricultores e, por isso, há a participação deles desde cedo nos processos produtivos.

Conforme Abramovay (1998), a agricultura familiar caracteriza-se pela forte associação entre as esferas de produção e de consumo, em estabelecimentos agropecuários em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho são provenientes de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Há o predomínio do chefe masculino na socialização do trabalho, onde as mulheres se subordinam aos homens e os jovens aos seus pais (WEISHEIMER, 2009).

Os jovens rurais das gerações passadas construíam suas experiências em espaço social mais restrito que os das gerações atuais. No contexto contemporâneo, as gerações possuem relações sociais e culturais mais amplas, possibilitando-lhes repensar suas identidades e suas relações pessoais (PEREIRA, 2004). A partir da ampliação de

horizontes, visualizam-se algumas dificuldades encontradas para a formação de novas unidades produtivas, uma vez que muitos jovens não desejam dar continuidade ao processo reprodutivo das propriedades como seus pais vêm fazendo.

O êxodo rural que afeta a agricultura familiar atualmente atinge as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Cabe lembrar que o processo de êxodo rural está relacionado ao processo de envelhecimento da população e também ao recente processo de masculinização do campo, já que as moças estão deixando a zona rural antes e numa proporção maior que os rapazes (ABRAMOVAY et al. 1998).

As perspectivas de permanência dos jovens no meio rural, e principalmente na agricultura, conforme Brumer et al. (2000), dependem das condições econômicas e sociais das famílias. Ou seja, o desejo de permanência está vinculado à disponibilidade de recursos e da renda procedente, assim como está relacionado com a relação e entre filhos e pais, especialmente se os jovens possuem ou não autonomia e fazem parte do processo de tomada de decisões. Neste sentido, ressalta-se que os jovens rurais, oriundos da agricultura familiar, em alguns aspectos, amadurecem socialmente mais cedo que os jovens que se inserem em outras atividades produtivas devido a certas responsabilidades vinculadas ao processo de trabalho. Por outro lado, eles tendem a atrasar sua autonomia social em função do caráter patriarcal que caracteriza esta atividade (WEISHEIMER, 2009).

3. Metodologia

A metodologia utilizada no presente estudo é caracterizada como qualitativa, a partir de uma aproximação com a etnografia. A coleta de

dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas com 18 jovens rurais, filhos de produtores de tabaco residentes do Município de Arroio do Tigre, que estão projetando suas vidas no meio rural. Entrevistaram-se jovens que se situavam na faixa etária entre os 14 e os 25 anos de idade de 11 diferentes comunidades rurais e 14 agentes de desenvolvimento e/ou líderes local².

A seleção dos entrevistados deu-se mediante a indicação de agentes de desenvolvimento e líderes locais, bem como por sugestão dos jovens entrevistados. No estudo denominaram-se agente de desenvolvimento e líder local o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rural (STR), ativistas do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), extensionista da EMATER, professoras da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre, proprietários de centros comerciais (mercados) rurais, enfermeira, agricultores representantes do Conselho de Política Agrícola (CONDEPA) do município, entre outros.

As entrevistas foram gravadas com autorização dos jovens. Cada entrevista durou em média de vinte a cinquenta minutos, havendo algumas exceções em que as entrevistas estenderam-se por um período maior. As entrevistas iniciavam como uma conversa informal e, em seguida, as interlocuções eram dirigidas através de um roteiro pré-elaborado (QUEIROZ, 1988). Em alguns casos, em virtude da timidez do jovem, o roteiro se pareceu com um questionário, pois eles respondiam como se fosse um questionamento, não delongando nem aprofundando o assunto. Salienta-se que todos os direitos foram preservados, inclusive o

² Os dados apresentados são parte da Tese de Doutorado “Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS”, da autora deste artigo, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS, no ano de 2014.

de não participação, bem como ficou garantido o sigilo e o anonimato em relação ao colaborador.

Como forma complementar às entrevistas, apropriou-se da observação participante. A observação participante se diferencia da simples observação, pois exige uma integração entre pesquisador e a comunidade a ser analisada, caracterizando-se pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno observado.

O estudo contou ainda com a utilização do caderno de campo. O caderno de campo é composto pelas entrevistas e pelo conteúdo das observações, contendo uma parte descritiva e uma parte reflexiva (BOGDAN; BIKLEN, 1982³, *apud* LIMA et al.1999). A técnica de anotar permite o registro detalhado de informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação (observação e entrevista). Nesta pesquisa, as observações realizadas durante a coleta de dados foram anotadas em caderno de campo que foi revisitado diversas vezes quando da elaboração deste artigo. A coleta de dados a campo realizou-se no período de abril de 2012 a fevereiro de 2013.

4. Caracterização do espaço empírico e dos jovens rurais

De acordo com Minayo (1994), o universo da pesquisa é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir do ponto de vista teórico que fundamenta as observações. No presente estudo, a realidade empírica deu-se no Município de Arroio do Tigre, localizado no estado do Rio Grande do Sul.

³ BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. **Qualitative research for education: an introduction to theory and methods**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

O Município de Arroio do Tigre foi criado em 1963, localiza-se na microrregião Centro Serra, na região política administrativa do COREDE Vale do Rio Pardo, no nordeste do Rio Grande do Sul, distante 248 km da capital, Porto Alegre.

Arroio do Tigre tem, no início da sua história, registros da presença de indígenas, embora pouco se conheça deste período. A chegada dos colonizadores ocorreu no século XIX e por volta de 1870 iniciou-se um processo crescente de chegada de famílias descendentes de imigrantes europeus, quase todas de origem germânica, vindas principalmente de Santa Cruz do Sul. No início da colonização, predominou a exploração extrativa das matas, principalmente erva-mate e madeira.

O município possui, segundo dados do IBGE (2010), 12.648 habitantes, sendo 6.686 (52,9%) moradores do meio rural e 5.962 (47,1%) moradores do meio urbano. Arroio do Tigre possui uma área total de 318,2 km² e uma densidade demográfica de 39,74 habitantes/km².

O cultivo de tabaco é a mais importante atividade agrícola desenvolvida no município, que é considerado o maior produtor sul-brasileiro de tabaco tipo Burley (REDIN, 2011, p.110). Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística - FEE (2011), o tabaco, no ano de 2010, ocupou 28,66% do total da área plantada (7.250 hectares), gerando 67,96% do valor da produção agrícola municipal (R\$ 76.833 mil).

O município é conhecido pela produção de tabaco e também pela histórica Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre (AJURATI). A AJURATI é uma entidade educacional, filantrópica, esportiva e recreativa, sem fins lucrativos, e tem como objetivo central coordenar os grupos de jovens rurais, denominados juventudes, do município.

A organização dos jovens rurais do município foi fundada na década de 1980. A proposta de organizar grupos de jovens rurais foi apoiada pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e anos mais tarde ocorreu a formação da associação. Inicialmente o trabalho do grupo de jovens estava diretamente relacionado à produção agrícola, pois as primeiras atividades desenvolvidas consistiam no fomento aos jovens para que eles preparassem uma lavoura em suas propriedades. Mais tarde, os jovens sentiram a necessidade de atividades além das relacionadas ao *labore*, foi então que surgiu o Dia do Jovem com disputas esportivas.

A associação realiza, desde 1996, o evento denominado “Olimpíada Rural de Arroio do Tigre”, que reúne grupos de jovens de comunidades rurais de todo o município com o objetivo de promover a integração e a participação do jovem rural na sociedade. Atualmente a AJURATI é constituída por 18 grupos de jovens rurais, distribuídos nas diversas localidades do interior do município, as quais disputam atividades esportivas entre si proporcionando valores em comum, a saber: união, respeito e espírito de equipe, valorizando a identidade do jovem (REDIN, 2009).

Do total de 18 jovens entrevistados, 12 (67%) são do sexo masculino e seis (33%) do sexo feminino; dez jovens encontram-se solteiros, dois estão namorando, quatro são noivos e dois são casados. O fato de ter encontrado mais homens projetando suas vidas no meio rural pode estar relacionado com os estudos (WEISHEIMER, 2009, BRUMER, 2004, ABRAMOVAY, 1998), que evidenciam que os jovens, sobretudo as jovens, têm saído mais e em maior proporção do meio rural.

A escolaridade dos jovens varia de ensino fundamental completo a cursando o ensino superior. Do total de entrevistados, apenas uma

jovem está cursando⁴ faculdade; dez jovens estudaram até completar o ensino médio; cinco têm ensino médio incompleto – destes, quatro estão cursando e um parou de estudar no segundo ano – e dois jovens têm ensino fundamental completo. Verificou-se que os jovens entrevistados ultrapassaram o grau de escolaridade de seus pais (somente em um caso o pai havia completado o ensino médio).

Escolaridade	Pai*	Mãe**	Jovem
Ensino Básico (1ª a 4ª série)	5	9	0
Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)	8	6	2
Ensino Médio Incompleto	0	1	5
Ensino Médio Completo	1	0	10
Curso Superior (faculdade)	0	0	1

Tabela 1: Comparativo da escolaridade dos jovens e seus pais

Fonte: Baseado em Troian (2014).

*O número total de pais é 14 devido à falta de informação a respeito da escolaridade de quatro pais.

** O número total de mães é 16 devido à falta de informação a respeito da escolaridade de duas delas.

A maioria dos jovens são filhos de proprietários de terra. Entre os entrevistados, 16 (89%) dos jovens são proprietários ou filhos de proprietário de terra, dois (11%) são filhos ou são agregados/arrendatários. A relação entre o agregado e o dono da terra (patrão) é de parceria. Geralmente o patrão custeia a metade da despesa com o cultivo de tabaco e recebe a metade da produção.

Os jovens entrevistados residem em 11 diferentes comunidades rurais do Município do Arroio do Tigre, a saber: Linha Paleta, Vila Progresso, Linha Taquaral, São Roque, Linha Cereja, Linha São Pedro, Linha Barrinha, Linha Ocidental, Sítio Baixo, Sítio Novo e Linha

⁴ Iniciou no primeiro semestre de 2013.

Coloninha. Algumas se localizam mais próximas, outras mais distantes do perímetro urbano.

A distância das comunidades rurais onde os jovens entrevistados residem varia de três a aproximadamente 50 km da sede do município. A frequência que eles vão para o perímetro urbano de Arroio do Tigre alterna de diariamente, no caso dos jovens que cursam o ensino médio, ofertado somente em uma escola que se localiza no perímetro urbano do município, a uma vez por mês, no caso dos jovens que residem mais distante da cidade, como por exemplo, os residentes das linhas: Sítio Baixo, Sítio Novo e Coloninha, havendo neste intervalo jovens que vão toda semana e outros que vão duas vezes por mês. Em uma das entrevistas realizadas, a jovem comentou que no período do pico da safra de tabaco ela chega a ficar dois meses sem ir até a cidade.

Agora, vamos dizer, o tempo do pega, do fumo, eu fui bem raramente. Eu fui duas vezes agora de dezembro a fevereiro pra comprar alguma coisa e tal. Eu não vou muito. Antes era tempo de aula, não tem como falar, porque eu ia todo dia, que eu tinha que ir estudar lá (jovem nº 14, 17 anos, Sítio Baixo).

O contato com os jovens no decorrer da pesquisa evidenciou a proximidade que os mesmos possuem com a vida citadina. Os jovens que cursam o ensino médio têm que se deslocar diariamente para o meio urbano. Entre os jovens que já concluíram ou não realizam o ensino médio, percebe-se que a frequência com que eles vão para o centro do município é menor, mas ainda assim revela a estreita relação entre o rural e o urbano e a diluição de fronteiras entre eles.

A comunidade onde residem é percebida pelos jovens como um “local bom de se morar”. Esta expressão vem associada a adjetivos, como calmo e tranquilo, por não haver roubos. “É um lugar bem bom de

morar, bem calmo, não tem tanta, como é que se diz, problema de roubo e nada, ninguém mexe nas coisas dos outros” (jovem nº 3, 21 anos, Vila Progresso). “É um lugar bom de se morar, pretendo ficar morando lá porque é um lugar calmo, não tem tanto acidente, essas coisas que nem nos outros lugares” (jovem nº 10, 15 anos, Linha Barrinha).

A relação de amizade com os vizinhos também foi lembrada como um aspecto positivo da comunidade. “Eu acho que é um lugar ótimo para morar. Sempre nos demos bem com as pessoas” (jovem nº 11, 15 anos, Linha Taquaral).

A percepção dos jovens em relação à comunidade onde eles residem também foi associada à concorrência entre os agricultores. Segundo os jovens, os agricultores disputam para ver quem possui mais bens, as melhores casas, mais máquinas e equipamentos. “A comunidade é boa. Só tem bastantes diferenças, tem uns que trabalham, trabalham, trabalham, para mostrar para os outros, tem uns que investem o dinheiro, então tem bastante diferença nessa parte” (jovem nº 13, 14 anos, Linha Taquaral).

Neste sentido, também foram elencadas a desunião entre os moradores e a pouca participação nas festividades e nas decisões que se estabelecem no âmbito da comunidade. “Mais ou menos (bom), porque são muito desunidos. Sai uma festa aqui e tem gente que prefere ir a festas em outros lugares do que aqui, se fosse mais unido as coisas poderiam ir mais para frente” (jovem nº 15, 20 anos, Sítio Novo).

Carneiro (1998), em estudos realizados com jovens do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, evidencia que, quando perguntados se desejavam continuar morando em São Pedro da Serra (RJ), 62,5% das moças e 84,5% dos rapazes entrevistados responderam afirmativamente, sendo suas respostas baseadas em razões afetivas: apego à comunidade e à família, maior facilidade para a criação dos

filhos e tranquilidade. Em Nova Pádua (RS), 47% dos filhos de agricultores entrevistados (10 moças e 16 rapazes) declararam desejar permanecer na localidade de origem e as motivações referem-se à qualidade de vida identificada por imagens que se opõem às características da cidade grande: calma, tranquilidade, segurança e extensão da rede de sociabilidade (número de amigos e vizinhos) (CARNEIRO, 1998). Sublinha-se que os resultados encontrados pela autora se assemelham aos encontrados entre os jovens estudados na presente pesquisa.

Com relação à participação na Associação de Jovens Rurais, do total de jovens entrevistados, 13 (72%) participam das juventudes rurais que compõem a AJURATI e cinco (28%) não participam. Entre os jovens não participantes, em um caso a não participação ocorre devido a pouca idade do jovem. Nos demais casos, os jovens não participam por falta de interesse ou vontade, ou ainda porque os encontros não eram muito produtivos. “Tinha uma juventude ali na vila, os piá vinham só fazer folia na rua de noite, na quadra ali. Vinham beber e sempre fazer baderna, daí nós até estava participando, mas depois caímos fora” (jovem nº 3, 21 anos, Vila Progresso).

Entre os jovens, as vantagens em fazer parte da Associação dos Jovens Rurais de Arroio do Tigre estão relacionadas a poder participar das olimpíadas dos jovens rurais, um local (espaço) para fazer amizades e se distrair. “Mas eu acho que é onde que o jovem pode se distrair um pouco” (jovem nº 8, 24 anos, Linha São Pedro). “O cara consegue adquirir mais amizades, tem amigo para conversar e praticar os esportes” (jovem nº 10, 15 anos, Linha Barrinha).

Além destes fatores relacionados a lazer e diversão, também surgiu entre as vantagens em ser associado da AJURATI o fato de poder participar de cursos e programas da prefeitura, embora, na opinião de

alguns agricultores entrevistados, os jovens só participem das juventudes porque as ações visam os esportes; se fosse para discutir a questão do tabaco e a agricultura de maneira geral, ou então as problemáticas do universo jovem, eles não participariam. “Que quem participa da juventude já tem mais apoio [...] cursos e coisas, quem é sócio da AJURATI tem prioridade para fazer um curso, qualquer coisa, isso ajuda muito” (jovem nº 9, 24 anos, Linha São Pedro).

Não se encontrou jovem que perceba desvantagens em participar da associação de jovens rurais. “Não [...] não vejo, porque se não fosse a AJURATI, o que que o jovem ia fazer? Não tem outro, outra coisa pra fazer” (jovem nº 6, 24 anos, Linha Cereja). Além disso, os jovens percebem a associação como uma espécie de formação, como um espaço onde eles podem obter diferentes aprendizados e, por isso, não veem desvantagens em participar. “Não, acho que não. Isso é sempre para o futuro. Não vai ter desvantagem nunca” (jovem nº 5, 24 anos, São Roque).

Entre as atividades de lazer e diversão, os jovens mencionam as festas, bailes e as atividades relacionadas a esportes, sobretudo os jogos ligados aos grupos de jovens que se encontram em basicamente todas as comunidades rurais do município. Isso evidencia a importância da Associação dos Jovens Rurais de Arroio do Tigre entre os jovens residentes no meio rural local. Entre os jovens de menor idade, brincar e sair com os pais, visitar amigos e parentes são atividades de lazer, já entre os jovens com mais idade, os jogos, festas e bailes são as principais atividades de entretenimento realizadas. Incluíram ainda a pesca, o acesso à internet e os programas na televisão como fonte de diversão.

4.1 Ser jovem: responsabilidades e percepções

No decorrer das conversas, os jovens foram instigados a falar sobre como se sentem como jovens rurais e quais a suas responsabilidades. Pode-se perceber que, de maneira geral, os jovens gostam desta fase da vida e a associam com algumas responsabilidades e afazeres.

Olha, tu tem alguma preocupação na tua casa, no teu serviço, no teu afazer. [...] Porque tu tens vários compromissos, tu tens que estar lá, fazer essas coisas. Tem certas horas que tu tem aquelas folgas, que decerto eles não têm, mas tu tens aqueles compromissos. No final de semana tem que esta cuidando do teu gado, das coisas (jovem nº 2, 23 anos, Linha Taquaral).

[...] Responsabilidades [...] para mim agora as responsabilidades vão aumentar, depois que eu casar. Porque daí vai ser outra maneira de vida, vai ser com pessoas que, por mais que eu conheça, são pessoas estranhas, o modo de viver deles é diferente, então pra mim vai ser assim bem dificultoso nessa parte, e eu assim, sei lá, eu me considero uma jovem rural bastante ativa, porque como na época que eu vim morar pra cá que eu não sabia fazer nada, hoje eu sei fazer tudo, mais do que muitas meninas que moram no meio rural e não sabem fazer muita coisa, não sabem lidar (jovem nº 6, 24 anos, Linha Cereja).

Os jovens mencionam ter algumas preocupações, compromissos e tarefas na propriedade, mas também que eles possuem horas de descanso e lazer. “Eu me sinto muito bem. Não vejo nenhum porquê de ser agricultor” (jovem nº 2, 23 anos, Linha Taquaral). “Poxa vida, sinto bem. Eu quero e estou aí. Responsabilidade? Ah, tem tantas tarefas, tem que fazer tudo” (jovem nº 1, 22 anos, Linha Paleta).

Há jovem que associa a fase da vida em que se encontra a poucas responsabilidades; apesar de trabalhar, ajudar nas tarefas desenvolvidas na propriedade, é uma idade que não exige grandes

preocupações como a fase adulta. “Não tem muita responsabilidade, ajuda em casa e não tem grandes preocupações” (jovem nº 5, 24 anos, Linha São Roque).

Eu tenho um pouco de liberdade pra fazer as coisas, mas também tem as responsabilidades, tem as horas que pode brincar, a hora que não pode, pode praticar algum esporte, alguma coisa, daí tem hora que não pode fazer isso (jovem nº 10, 15 anos, Linha Barrinha).

A percepção dos agentes de desenvolvimento e dos líderes locais é a de que os jovens atualmente têm mais autonomia e participam ativamente das discussões no âmbito familiar e, dessa forma, opinam e auxiliam na tomada de decisão.

Existe uma independência financeira do jovem. Ele tem a sua moto. [...] uma característica muito importante, ele planta 20 mil pés de fumo, dá 200 arrobas de fumo, que nem esse ano, dá 20 mil reais, come no pai, e a despesa ali pra ele é em torno de uns R\$ 4 ou R\$ 5 mil reais, sobra R\$ 15 mil, dá mil real por ano. Muitos saem e depois voltam, e outra coisa que é importante aqui é o nível de vida deles e a convivência, assim, eles praticamente, são urbanos. Eles têm as motos, eles correm, vão às festas (Secretário da Agricultura, gestão 2009/2012).

No entanto, entre os jovens rurais esta percepção não é unânime. Para alguns jovens, os pais dão liberdade tanto para opinar como para gerir parte da propriedade. “Eu acho que eles tão começando, os pais começam a deixar mais, dar mais opinião” (jovem nº 13, 15 anos, Linha Taquaral). “Eu planto pra mim, e daí tem a parte dele (do pai). (Se faz) Tudo junto, só no final cada um tem sua parte. Eu planto agora uma quantia (de tabaco) e o dinheiro é meu” (jovem nº 5, 24 anos, Linha São

Roque). Já outros jovens acreditam não ter espaço nem liberdade para influenciar nas decisões familiares. “Não, por enquanto quem decide é a mãe [...] é ela que é chefe” (jovem nº 7, 25 anos, Vila Progresso).

Os jovens têm liberdade para sair, ir a festas, jogos e bailes. Com relação à autonomia financeira e o recebimento pelas atividades desempenhadas na propriedade, de maneira geral, percebe-se que, embora alguns jovens recebam uma porcentagem da produção ou tenham uma quantidade de tabaco e outro cultivo para a sua gestão, a maioria deles ainda não tem liberdade financeira; o recebimento pelos seus afazeres se dá através de roupas, calçados e materiais escolares. “Quando eu preciso, eu peço. Pelo menos sempre foi assim, nunca tivemos assim, de cada um ganhar a sua quantia” (jovem nº 6, 24 anos Linha Cereja). “O pai me dá como ele bem entende, eu nunca pedi, só se eu preciso assim alguma coisinha” (jovem nº 11, 15 anos, Linha Taquaral).

Os jovens entrevistados recebem o que é necessário para a sobrevivência, sendo dos pais a decisão do que comprar, onde comprar e quanto pagar. A situação dos jovens na agricultura familiar é marcada pela restrição ao acesso a rendas monetárias próprias; dificilmente eles conseguem obter renda pelas atividades agrícolas realizadas no âmbito da propriedade.

No decorrer do estudo, verificou-se a existência de casos em que os pais destinam uma pequena parcela da propriedade aos jovens, para que eles desenvolvam alguma atividade produtiva de forma autônoma. Em Arroio do Tigre, a atividade resume-se ao cultivo de tabaco em uma área sob a gestão do jovem. Isso permite maior autonomia em relação aos pais, além de gerar autoconfiança e reconhecimento dos jovens como agricultores.

4.2 Políticas públicas: conhecidas, acessadas e específicas para jovens rurais

Na sociedade brasileira, ainda que recentemente, observa-se um consenso em torno da necessidade de implementação de políticas públicas destinadas à juventude (SPOSITO; CARRANO, 2003). Entendida como fase de vida, categoria em transformação, a juventude não recebe a devida atenção quando se trata de políticas públicas.

Rua (1998), resgatando as políticas públicas voltadas para a juventude no Brasil, constata que nenhuma delas estava contemplando ações especialmente dirigidas aos jovens. Conforme a autora, os jovens no Brasil são inseridos em políticas sociais destinadas a todas as demais faixas etárias e tais políticas não estão orientadas a partir da ideia de que os jovens representam o futuro, em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações.

O presente estudo reforça tais constatações, pois os jovens não conhecem ações direcionadas para eles. Entre as políticas públicas que os jovens conhecem ou já ouviram falar destaca-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), sobretudo o Pronaf Custeio, Investimento e Mais Alimentos, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). “Tem os custeios que nós fizemos todos os anos” (jovem nº 3, 21 anos, Vila Progresso). “Conheço o Mais Alimentos, o Crédito Fundiário” (jovem nº 4, 20 anos, Linha Paleta). Ressalta-se que a família de dois jovens entrevistados adquiriu suas áreas de terra através do Programa Nacional de Crédito Fundiário.

Os jovens deixam claro que utilizam o Pronaf Custeio e Investimentos, sendo este último utilizado principalmente para a aquisição de máquinas e equipamentos, sobretudo, tratores. “O (Pronaf)

Mais Alimentos foi muito bom, tem muitos tratores na região” (jovem nº 1, 22 anos, Linha Paleta). Percebe-se que as políticas citadas pelos jovens centram-se nas atividades agrícolas e estão ligadas à produção e à produtividade. Não foram mencionados entre os jovens entrevistados políticas ou programas relacionados à saúde, à educação ou mesmo à habitação, o que evidencia que, apesar de superada a concepção de rural como sinônimo de agrícola, a produção agropecuária tem papel preponderante entre os residentes do meio rural.

Com relação às políticas públicas específicas para jovens rurais, percebeu-se que a maior parte dos entrevistados (15 jovens) desconhece ações para este público. “Eu não conheço nenhuma” (jovem nº 5, 24 anos, Linha São Roque). Entre os três jovens que mencionaram conhecer programas destinados aos jovens, foi citado o Pronaf, “que nem os Pronaf, eu acho bom, que ajuda (os jovens a permanecerem no meio rural)” (jovem nº 7, 25 anos, Vila Progresso), bem como o projeto de bovinocultura de leite elaborado e gerido pela Prefeitura Municipal de Arroio do Tigre

Conhecer eu até conheço. Esse ano era pra sair coisas sobre vacas leiteiras, que a AJURATI tinha feito, só que daí foi pra lá e pra cá, quando eles iam para comprar as vacas, estava tudo certo, eles iam dar um tanto e o resto era pra comprar, já cortaram a verba, não deu certo (jovem nº 8, 24 anos, Linha São Pedro).

O terceiro jovem lembra as ações do programa de Erradicação do Trabalho Infantil, através do projeto Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte à Educação (ARISE) da *Winrock*, organização não governamental americana em parceria com a empresa fumageira Japan Tobacco International (JTI) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Tem esses programa de Cursos Profissionalizantes aí que tem agora. Isso é a única coisa. Eu não participo, por causa que daí fica muito puxado, eu fico só dois dias por semana daí em casa, terças-feiras nós temos aulas o dia inteiro. Daí nisso eu não participo porque daí o pai e mãe ficam sozinhos em casa, daí também não adianta (jovem nº 10, 15 anos, Linha Barrinha).

O projeto de bovinocultura de leite citado por um dos jovens consiste numa ação da prefeitura em parceria com a EMATER e a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre. O programa visa proporcionar aos associados da AJURATI o aumento na renda da propriedade rural por meio da diversificação, além da troca de experiências e da melhoria da qualidade de vida nas comunidades rurais. Para participar do programa, o jovem precisa se enquadrar nos seguintes pré-requisitos: ser casado; ser sócio da AJURATI e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; não ter dívidas com a Prefeitura Municipal; vender uma pequena quantidade de leite (aproximadamente de 30/40 litros); não ter infraestrutura – instalações adequadas para a produção leiteira; ter área suficiente para desenvolver a atividade (mínimo três hectares); disponibilizar a propriedade para assistência técnica da EMATER; participar da capacitação sobre a atividade leiteira e elaborar projeto para aquisição de equipamentos e benfeitorias.

Pode-se dizer que os critérios para acessar a política municipal de diversificação de cultivos são excludentes, pois inicialmente ele beneficia os agricultores que já possuem a atividade leiteira na propriedade em detrimento das famílias com monocultivo de tabaco. Além disso, para poder participar, o jovem precisa ser casado e ser sócio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Por fim, lembra-se que em nenhum momento e em nenhum dos critérios ficou estabelecido que a

política destinava-se exclusivamente a jovens rurais, bem pelo contrário, os critérios utilizados para selecionar o público beneficiário dão a entender que o programa não foca os jovens e sim os agricultores consolidados.

O projeto ARISE iniciou em meados de 2012 e destina-se aos jovens de 14 a 16 anos. Consiste em cursos que trabalham técnicas agrícolas a partir da agroecologia, estimulando os jovens a desenvolverem outras atividades, sendo agrícolas ou não, de modo a evitar o envolvimento dos mesmos no cultivo do tabaco. O programa aborda os fatores sociais e econômicos que podem levar agricultores familiares a utilizarem crianças no trabalho. Ele é destinado a incrementar o acesso à educação de qualidade para as crianças, conscientizar sobre o trabalho infantil, melhorar a qualidade de vida das comunidades produtoras de tabaco e as práticas laborais, em um trabalho em parceria com o governo e a sociedade civil.

Neste sentido, destaca-se que o projeto mencionado por um dos entrevistados como sendo uma ação específica para jovens rurais, o programa municipal de bovinocultura de leite, acaba não se destinando especificamente para os jovens, assim como o Pronaf, citado por uma das jovens entrevistadas, não se caracteriza como uma política específica para este público. Dentro do Pronaf existe uma linha de crédito que se chama Pronaf Jovem, porém na pesquisa nenhum dos jovens acessava esta linha de financiamento.

No estudo visualizou-se que os jovens têm acessado o crédito. “Os jovens acessam todos os tipos de financiamentos, tudo o que tiver” (Coordenação do Movimento dos Pequenos Agricultores, fevereiro de 2013). O principal motivo para este acesso por parte dos jovens é o fato de os pais estarem endividados ou terem excedido os seus limites de crédito. “Eles (jovens) acessam (crédito) porque os pais já estão atolados”

(Coordenação do Movimento dos Pequenos Agricultores, fevereiro de 2013).

O jovem acessa os programas para dar seguimento às atividades desenvolvidas na propriedade sob gestão do pai. Ou seja, usa-se o nome do jovem para dar continuidade ao projeto familiar e não para iniciar ou desenvolver um projeto pessoal do jovem. Esta forma de acesso que os jovens fazem não gera melhorias, tampouco desenvolvimento, uma vez que não se investem em novas atividades, novos cultivos e novas técnicas de produção. Acaba-se usando o nome do jovem para utilizar os recursos disponíveis, não mudando a estrutura hierárquica nem fazendo alterações nas unidades produtivas.

4.3 Perspectivas da juventude: mudanças e melhorias para a permanência no meio rural

Para que os jovens tenham o interesse em permanecer no meio rural, segundo os entrevistados, é necessário haver mais inventivos, outras formas de financiamentos, ter mais áreas de terra, ter uma propriedade diversificada, trabalhar com menos agrotóxicos, novas formas de comercialização, além do respeito e valorização do agricultor – que o “colono” não seja visto de forma pejorativa. “Eu acho que tem que ter mais apoio ainda para o jovem, porque o mundo depende do jovem, que tá no campo agora, produzindo alimentos” (jovem nº 9, 24 anos, Linha São Pedro).

Principalmente ter mais incentivo. Hoje de manhã, olhando no Globo Rural eles mostraram, no município acho que de Caxias, um lá, um jovem que foi fazer curso depois voltou na propriedade para ajudar no cultivo de uva. O governo assim, o município tinha que ter mais incentivo pra deixar o jovem, não adianta todo

mundo ir pra cidade (jovem nº 12, 14 anos, Linha Ocidental).

Alguns jovens acreditam que não é necessária mudança ou alteração, argumentando que da forma como está é bom para o jovem. Para o jovem querer ficar no meio rural é preciso somente vontade e interesse. “Ter vontade de trabalhar. Tem uns que não tem vontade de trabalhar, daí vão sair para procurar emprego” (jovem nº 3, 21 anos, Vila Progresso). “Melhorar? Pro meu ponto de vista, tá bom. Na minha opinião, não tem nada de diferente. Acho que pra mim tá bom assim, não teria que mudar mais nada” (jovem nº 7, 25 anos, Vila Progresso).

Apesar de alguns entrevistados acreditarem que não seja necessário existir incentivos nem melhorias para que os jovens permaneçam no meio rural, acredita-se na importância de ações específicas para este público. Para que os jovens permaneçam no meio rural, é preciso que eles tenham condições de ter vida digna e com qualidade. Ficar no meio rural tem que ser uma opção dos jovens. De acordo com Silva (2007), é preciso afastar a ideia de que quem fica no meio rural são as pessoas que não estudaram e que não tiveram sucesso em trilhar outro caminho. No entanto, reconhece-se que não são poucas as dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais que se concentram, em primeiro lugar, na falta de um modelo agrícola voltado para os pequenos agricultores de um modo geral, como o agricultor familiar e o assentado de reforma agrária.

5. Considerações finais

O presente artigo buscou apresentar a diversidade de opiniões e percepções dos jovens rurais que projetam suas vidas no meio rural.

Dessa forma, ressalta-se a dificuldade em encontrar jovens que desejam permanecer no meio rural e dar seguimento às atividades ligadas a agricultura. A dificuldade torna-se ainda maior quando se trata de jovens do sexo feminino.

Visualizou-se que, apesar de os jovens terem percepções diferentes, o sentimento que eles possuem em relação à fase da vida que se encontram é unânime, identificando-a como uma fase associada à liberdade e a poucas responsabilidades.

Os jovens rurais oriundos da agricultura familiar, de maneira geral, não têm autonomia nem participam ativamente no processo de tomada de decisão, tanto no âmbito familiar quanto na unidade de produção. A autonomia é questionada, suas opiniões nem sempre são levadas em consideração, da mesma forma que não se discute a sucessão das unidades produtivas. Estes motivos associados com a situação econômica e social das famílias incentivam os jovens a buscar realização pessoal e profissional fora do meio rural. Embora se perceba que os jovens têm conquistado espaços maiores no âmbito familiar, o mesmo não se visualiza no nível de políticas públicas.

As políticas públicas conhecidas e acessadas pelos jovens rurais são políticas ligadas à produção agrícola, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, e de acesso a terra, como o Programa Nacional de Crédito Fundiário. No entanto, percebeu-se a deficiência em relação a políticas específicas para jovens.

A maior parte dos jovens desconhece políticas específicas para a categoria. Percebe-se a falta de programas que reconheçam as demandas e as aspirações dos jovens rurais, eles que carregam a responsabilidade da continuidade da agricultura, pois para que os jovens queiram permanecer no meio rural é necessário que o rural ofereça oportunidades e condicionantes que despertem o interesse dos

mesmos. É preciso que os jovens sejam vistos e escutados, e que seus desejos e anseios sejam levados em consideração. Mais do que programas voltados para a agricultura, são imprescindíveis ações que visem à melhoria da qualidade de vida, com opções de educação e lazer.

Para que os jovens permaneçam no meio rural, é preciso oferecer condições para que eles desejem ficar. É necessária educação de qualidade voltada à realidade rural, da mesma forma que devem ser criadas condições de acesso a lazer, cultura, trabalho, geração de renda para que os jovens tenham condições de realizar a opção entre dar continuidade ou adquirir a sua propriedade no meio rural.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

ABRAMOVAY, Ricardo. “Agricultura familiar e serviço público: novos desafios à extensão rural.” Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 15, n.1, p.132-152, jan./abr. 1998.

BRUMER, Anita. “Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul”. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

BRUMER, Anita et al. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. In: **Congresso Internacional Rural Sociology Association (IRSA)**, Rio de Janeiro, Anais, 2000.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (org.). **Mundo Rural e Política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DAYRELL, Juarez. “O jovem como sujeito social”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, set/out./nov./dez., 2003.

DURSTON, John. (org.). **Juventude rural**: modernidad y democracia em América Latina. Santiago de Chile: Cepal, 1996.

FROSSARD, Antônio Carlos. **Identidade do jovem rural confrontando com estereótipo de Jeca Tatu**: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. p 209. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Universidade Nova de Lisboa – Portugal, Universidade François Rabelais De Tours – França, Nova Friburgo - RJ, 2003.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. FEE. **Dados Município de Arroio do Tigre**. 2011. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu_consultas.asp?tp_Pesquisa=var_Anual>. Acesso em 9 de ago. 2011.

GOMES, Maria Isabel dos Santos Resgate. “Diversidades e comportamentos juvenis: um estudo dos estilos de vida de jovens de origem étnico-culturais diversificadas em Portugal”. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 set. 2010.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar**: comparação internacional. Tradução Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas, SP, Unicamp, 1993.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. “A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem”. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre, v. 20, n. esp., p.130-142, 1999.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa Social**: teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga Moraes **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice v.5, p. 68-80, 1988.

REDIN, Ezequiel. “O Jovem Rural Conquistando o Seu Espaço: Um [re] olhar sobre as Questões Sociais”. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 4, n. 2/nov. 2009.

REDIN, Ezequiel. **Entre o produzir e o reproduzir na agricultura familiar fumageira de Arroio do Tigre/RS**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2011.

RUA, Maria da Graça. As políticas públicas e a juventude dos anos 1990. In: RUA, Maria da Graça. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), p.731-752, 1998.

PEREIRA, Jorge Luiz de Góes. **Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade**. 2004. Tese (Doutorado em Sociedade e Agricultura). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Agricultura, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ), 2004.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida, sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007. Disponível em: <http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2012.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. “Juventude e políticas públicas no Brasil”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.16-39, set. /out. /nov. /dez. 2003.

TROIAN, Alessandra. **Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VIEIRA, Rosângela Steffen. **Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil da agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.